A presença d'Os Miseráveis na Literatura Brasileira

Alfredo Victor Souza de Almeida¹; Alana de Oliveira Freitas El Fahl².

1. Bolsista PIBIC/FAPESB, Graduando em Letras Vernáculas, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: alfredo-victor@hotmail.com

2. Orientadora, Departamento de Letras e Artes, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: alana_freitas@yahoo.com.br

PALAVRAS-CHAVE: Os Miseráveis; Intertextualidade; Literatura Comparada.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho constituiu-se de um estudo, através da metodologia comparatista, a partir do romance **Os Miseráveis** do escritor francês Victor Hugo (1802 – 1885). A proposta da pesquisa era levantar dados que comprovassem a presença do romance hugoano na cultura brasileira. Tal presença seria possível devido ao forte contato com a cultura francesa no século XIX. A literatura brasileira, deste século, buscou inspirações em várias literaturas europeias, entre as quais a francesa.

Apropriando-se dos estudos de Italo Calvino (1993), em umas das definições de Clássico por ele proposta, podemos tomar o romance, que aqui se pretendeu estudar, como um clássico que ainda diz muita coisa na atualidade, assim sendo justificável que ainda se faça presente no imaginário cultural da sociedade.

Salvato Trigo (s/d), em seus ensaios sobre Literatura Comparada, defende a ideia de que uma obra sempre mantém relações com outras da tradição, sendo elas parte de um mesmo sistema cultural, ou não. Este pensamento, de relacionar obras de culturas diversas, é significativo para as novas tendências dos estudos comparados. Eduardo F. Coutinho (2003) aborda este contato das Literaturas da América Latina com os sistemas europeus, apropriando-se do termo “transculturação” para nomeá-lo.

Assim, buscamos analisar a presença do romance hugoano em tramas brasileiras que retratem a vida, que levam alguns seres humanos, em condições miseráveis. Referendam nossa análise os estudos de Calvino (1993), Trigo (s/d), Mendes (1992), Carvalhal (1986) e Coutinho (2003).

MATERIAL E MÉTODOS OU METODOLOGIA (ou equivalente)

Pesquisas bibliográficas, leituras interpretativas e fichamentos de textos. Discussões em grupo. Produção e apresentação de trabalhos acadêmicos.

RESULTADOS E/OU DISCUSSÃO (ou Análise e discussão dos resultados)

O romance hugoano faz um retrato crítico da sociedade francesa do século XIX, com todas as suas mazelas. Porém é uma obra atemporal. Pode ser lida em qualquer período e em qualquer local, que ainda assim comunicará e chocará por tratar de problemas universais, comuns até hoje em qualquer lugar do mundo. A obra tornou-se um dos romances mais impactantes do ocidente. E imortalizou os ideais libertários do escritor.

Hugo tinha sessenta anos quando **Os Miseráveis** foi lançado. Uma obra lançada durante um longo período, dividida em cinco partes. Não demorou para que o romance alcançasse uma boa repercussão, e logo tornou-se um êxito em vendas.

O universo hugoano está diretamente relacionado com os interesses do povo. Buscando os direitos dos oprimidos, a liberdade e a conscientização do ser humano. Mais tarde o autor assumiu os cargos de deputado e senador, e continuou lutando pela humanização e contra a depravação humana. Hugo mostrou-se um bom conhecedor da história do seu país, e utilizou-se desse conhecimento para mesclar ficção e realidade.

Nancy M. Mendes (1992) ao escrever sobre a intertextualidade diz que o discurso humano é repleto de outros discursos e de que nossa fala “contém falas, concepções e posturas dos outros”. De fato, assim como a nossa fala traz marcas de uma coletividade, os textos carregam elementos sociopolíticos e culturais de outros textos. Fazem relações, ora diretamente, ora indiretamente.

A literatura, a arte das palavras, não só dá voz ao coletivo, como traz em si outras vozes, outros textos, já que é uma das matrizes culturais que mais influencia na própria literatura. Essas matrizes reverberam ecos nem sempre explícitos. É necessário estudos e sensibilidade para reconhecê-los.

Temáticas presentes no romance hugoano são revividas posteriormente na Literatura Brasileira. E coube aqui neste projeto utilizar destas narrativas que trazem personagens em condições de miséria, identificando traços do romance hugoano e a forma de apropriação da denúncia das mazelas sociais.

Jorge Amado (1912 -2001), um escritor baiano engajado nas causas sociais, que teve em sua obra a representação de personagens das camadas mais populares, criou não apenas uma obra voltada para o social, mas enxergou a garra deste povo, mostrando seus conflitos e a humanidade por muitos ignorada devido às condições deste povo. Usou para isso um lirismo particular. Devido à temática semelhante, estabeleceu-se uma análise comparativa entre os dois autores. Escolheu-se, para isso, o romance **Capitães da areia** (1937) do escritor baiano.

Pode se perceber uma forte relação entre ambos os autores. As crianças que moram nas ruas, por exemplo, são retratadas como os verdadeiros donos destas, embora estejam como marginais. Vistos pela sociedade, nos livros, como não pertencentes à vida urbana. Outras confluências vão surgindo à medida que os personagens anseiam por revoluções e melhorias a toda sociedade. As obras contêm uma forte veia social: as denúncias são claras e refletem diretamente a ideologia dos autores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS (ou Conclusão)

Um texto é construído por fios transpassados. Os fios são como matrizes norteadoras na construção do texto. Outros textos como a Bíblia, a mitologia grego-romana e a própria literatura servem de matrizes. A inspiração pode ser por afinidade ideológica, como é o caso analisado na pesquisa.

O estudo de matrizes na literatura revelou-se importante para compreensão da mesma, mostrando-se uma ferramenta necessária para os estudos literários. Entender a formação cultural da época de um escritor diz muito sobre seus textos. Os textos por ele lidos também.

REFERÊNCIAS

AMADO, Jorge. Capitães da areia (1937). Companhia das letras. 2015.

CALVINO, Italo. Por que ler os clássicos. Companhia das Letras, 1993. Tradução: Nilson Moulin.

CARVALHAL, T. Franco. Literatura Comparada. SP: Editora Ática, 1986.

COUTINHO, Eduardo F. Literatura Compara na América Latina. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2003.

FISCHER, Ernst. A necessidade da Arte. Tradução de Leandro Ronder. 9 ed. Rio de Janeiro: Zathar, 1983.

HUGO, Victor. Os Miseráveis. (1862). Tradução de Regina Célia. São Paulo: Martin Claret, 2014. Edição especial: texto integral.

MENDES, Nancy M. Intertextualidade: noções básicas. In: Teoria da literatura na escola. Org:

PAULINO, Graça; WALTY, Ivete. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1992.

PINTO, Maria Cecilia Queiroz de Moraes. Victor Hugo e a poesia brasileira. In: Lettres Françaises, Araraquara, n. 5, p. 117-129, 2003.

TRIGO, Salvato. Ensaio de literatura comparada : afro-luso-brasileira. Lisboa: Vega, (s/d).